

**Poemas de Lindolf Bell**  
**Vestibular ACADE - Verão 2025**

Procuro a palavra palavra.....	1
Enfermidade, efemeridade.....	2
A palavra destino.....	3
Da palavra final nada sei .....	4
Primeira raiz .....	5
Da certidão de nascer.....	6
Andorinhas escrevem no ar.....	7
O ribeirão da infância .....	8
Ah! não fosse este rio chamado amor .....	9
Um inseto de Lagoa Santa .....	11
Poema para o índio Xokleng.....	12
Um touro atravessa a tarde.....	13
O bem-te-vi .....	14
Doído coração doído .....	15
Desterro .....	16
Minifúndio.....	18
Espelho I.....	25
Espelho II.....	26
Águas, entreáguas .....	27
Asa da primeira idade.....	28
Semanário .....	29
Poema matemático .....	30
Deste âmago provo o amargo gosto.....	31
É noite em teu jardim, mãe .....	32
Ouvi a morte passar .....	33
O poeta descobre-se no sebo.....	34
Poema do andarilho .....	36
Legado.....	42
Livra o nome de inúteis sons .....	43
Faça-se imprevisto o tempo da morte.....	44
Onde ficaram as vossas aves abatidas? .....	45
Poemas finais .....	47
Recôndito impulso .....	48
Recado final.....	49

## PROCURO A PALAVRA PALAVRA

Não é a palavra fácil  
que procuro.  
Nem a difícil sentença,  
aquela da morte,  
a da fértil e definitiva solitude.  
A que antecede este caminho sempre de repente.  
Onde me esgueiro, me soletro,  
em fantasias de pássaro, homem, serpente.

Procuro a palavra fóssil.  
A palavra antes da palavra.

Procuro a palavra palavra.  
Esta que me antecede  
e se antecede na aurora  
e na origem do homem.

Procuro desenhos  
dentro da palavra.  
Sonoros desenhos, tácteis,  
cheiros, desencantos e sombras.  
Esquecidos traços. Laços.  
Escritos, encantos reescritos.  
Na área dos atritos.  
    Dos detritos.  
Em ritos ardidados da carne  
e ritmos do verbo.  
Em becos metafísicos sem saída.

Sinais, vendavais, silêncios.  
Na palavra enigmam restos, rastos de animais,  
minerais da insensatez.  
Distâncias, circunstâncias, soluços,  
desterro.

Palavras são seda, aço.  
Cinza onde faço poemas, me refaço.

Uso raciocínio.  
Procuro na razão.

Mas o que se revela arcaico, pungente,  
eterno e para sempre vivo,  
vem do buril do coração.

## **ENFERMIDADE, EFEMERIDADE**

A palavra não é nebulosa estrela.  
Sequer desarticulada ilha de afinidades.

Estopim aceso, sim, águas de inquietação,  
a palavra não é jogo de dados.  
Jogo de dúvidas, sim, dádivas,  
dardos envenenados de selvagem silêncio.

Por um fio a palavra é prata.  
Por um fio a palavra é pata de cavalo.  
Por um fio, ato de injustiça.

Não há nenhuma pressa na palavra  
em seu destino de lesma.  
A palavra, flor justa se for bem usada.  
A palavra de fogo-fátuo feita.  
A palavra que não faz acordos em vão.

A palavra  
é não dar com a língua nos dentes.  
Ainda que arranquem a língua.  
E cortem a palavra em pedaços  
e a exponham em postes públicos da degradação.

Não é sempre a palavra  
só tiro de festim.  
Pode ser fim de linha.  
Quimera, exato fingimento de voo.  
Nada, tudo, nunca e ninguém.  
Assentimento, delicada práxis de afetos,  
que somente se adivinha.

A palavra  
que em breve  
será a palavra dentro em breve.  
A palavra  
que se reveste de linho real  
na linha real da vida:  
  enfermidade,  
  efemeridade.





## **PRIMEIRA RAIZ**

Ancestral não diria:  
antes cesto de tudo,  
antes tempo em que mudo:  
pelo, pele, sobretudo.

Ancestral direi:  
se memória não fosse mais  
(e é tudo)  
que o risco na cerâmica quebrada,  
o nome dentro da pedra achada,  
e o amor, esta breve palavra,  
em milagre de nada.

Ancestral, sim,  
porque o que passou, passa, passará,  
não passa de matiz, matriz, da manhã.  
E dúvida ancestral  
não é mais que fogo, afago, cinza.  
E tudo que penso  
pouco mais dura que a escrita,  
a da raiz, a da marca do pé na terra,  
que mino, rumino,  
e que me habita.

## DA CERTIDÃO DE NASCER

Nasci onde?  
Nasci onde geografia se faz de sentimento.

Ali nasço.  
Ali nasço ainda.  
Cada manhã.  
Em cada manhã de medo.  
Arremedo.  
Degredo a degredo.  
Em cada impulso, incompetência.  
Na eterna e suave ironia do destino  
de mais sentir que saber.

De saber  
apenas sei  
de quantas palavras  
se faz a canoa de afetos.  
Embora caminhe torno  
por sonhos retos.

Muito aprendi  
da palavra engolida em seco.  
E da palavra abatida  
por palavras de equívoco  
e sutis alvenarias de cinismo.

Permaneço aqui  
mesmo assim.  
Nasço onde geografia se faz de sentimento.  
Entre princípio e fim de mundo.  
Aurora a aurora.  
Segundo a segundo.

## **ANDORINHAS ESCREVEM NO AR**

Guardo da infância  
andorinhas escrevendo  
no ar

Hoje  
recolho ainda  
andorinhas escrevendo  
no ar

Andorinhas  
não publicam  
nem declamam  
o que escrevem  
no ar

Entendi a escrita minha  
ao entender a escrita da andorinha

## O RIBEIRÃO DA INFÂNCIA

Não o reencontro.  
Nem o reencontrarei  
o ribeirão da minha infância.  
Sua morte foi decreto público  
de morte inteira.  
De evitar qualquer vestígio.  
Não teve prestígio.  
Não tinha bandeira.

Nunca o fotografei.  
Mas guardei-o em mim.  
Nunca foi cartão-postal.  
Mas é passaporte de saudade.

O ribeirão dorme  
sob entulho,  
num embrulho  
de crueldade.  
Dorme sob a assinatura  
do decreto.  
No esquecimento geral dorme  
e dorme na minha inútil lembrança.

Nada o fará ressuscitar.  
Riem de minhas perguntas,  
caçoam do meu poema,  
me apontam na rua,  
me nomeiam entre os animais irracionais.

Não à minha frente  
em seus disfarces de lobo e raposa.  
Não em meus olhos  
com seus olhos de enguia.

Mas em festas de família, sim.  
E sobretudo aos sussurros, sim.  
Ali dizem o que pensam  
e se contorcem de rir até as lágrimas.

## AH! NÃO FOSSE ESTE RIO CHAMADO AMOR

O rio que conheço  
não aprendi de livro  
nem de mapa inventado

Jamais escrevi em caderno  
o nome deste rio  
Nunca desenhei a giz  
o movimento de suas águas

Sei deste rio  
por seu silêncio  
Deste rio que ninguém me falou  
Não surgiu de histórias passageiras  
Não precisa de suborno para estar comigo  
Nem de mentiras enfeitadas  
sequer de afinidades sorrateiras

Este rio vem despojado de intransigências,  
preconceitos,  
perplexo no eterno desejo  
Dádiva e dívida comigo mesmo  
e dos outros homens  
também a esmo

Flui em mim este rio sem vulgaridades  
Atemporal, flui em mim com sabor de paciência  
e extraordinário sabor de nada  
Nem sequer de buscas e tempo perdido  
nem sequer de nada

Este rio tem nome secreto  
e não  
E corpo de rio  
onde outros rios se vão  
Porque o rio  
é como o homem:  
sem nome  
mora no esquecimento,  
sem corpo  
é árvore cortada,  
é menos que nada

Ah! Não fosse o amor sempre e de novo  
a estação sem fim  
Esta eterna duração  
onde, quem passa, não passa,  
floresce fácil,  
flui

Ah! Não fosse este rio chamado amor  
de peso feito, medida e saudade infinita  
Não teria o homem medida  
de sua própria medida finita

## **UM INSETO DE LAGOA SANTA**

Um inseto de Lagoa Santa  
sobreviveu três mil anos  
fora do destino comum

Fora do destino comum  
e dentro da solidão

Em armazéns do tempo  
as coisas permanecem  
mais tempo  
que ao tempo destinado

Fora do destino comum  
e dentro da solidão

## POEMA PARA O ÍNDIO XOKLENG

Se um índio xokleng  
subjaz  
no teu crime branco  
limpo depois de lavar as mãos

Se a terra  
de um índio xokleng  
alimenta teu gado  
que alimenta teu grito  
de obediência ou morte

Se um índio xokleng  
dorme sob a terra  
que arrancaste debaixo de seus pés,  
sob a mira de tua espingarda  
dentro de teus belos olhos azuis

Se um índio xokleng  
emudeceu entre castanhas, bagas e conchas  
de seus colares de festa  
graças a tua força, armadilha, raça:  
cala a tua boca de vaidades  
e lembra-te de tua raiva, ambição, crueldade

Veste a carapuça  
e ensina teu filho  
mais que a verdade camuflada  
nos livros de história

## UM TOURO ATRAVESSA A TARDE

Um touro atravessa a tarde.  
O coração aceso da tarde.  
O pulmão inquieto da tarde acendida.

Não é um touro atravessado de flecha.  
Mas é Ápis  
este anônimo touro  
ultrapassado de luz da América Latina.

Um touro de mil anos luz.  
Um touro arrancado de um mural sem tempo  
nem rigor de beleza ultrajado.

Vivo animal de beleza.  
Redivivo touro, deus.  
Um touro de ouro.  
Sem lógica nenhuma atravessando a tarde.  
A tarde e a estrada.  
A tarde e a estrada  
e a minha realidade atravessada deste instante  
e esta eternidade.

Touro de graça e força.  
Secreto pensamento de Pierro della Francesca  
e Altamira dentro de meu pensamento fugaz.  
É o touro sólido na tarde.  
É o touro de angústia e luz.

O touro atravessa a tarde.  
Sem contradições  
no sentimento do mundo.  
Nem ambivalência  
nos movimentos.

O touro atravessa a tarde.  
Atravessa a estrada e a tarde.  
Atravessa a estrada, a tarde e a eternidade.

Este touro lapidado pela luz da tarde  
é todas as coisas que sei.  
Mas é sobretudo  
todas as coisas  
que eu ainda não sei.

## **O BEM-TE-VI**

O bem-te-vi  
só fala bem-te-vi

Na paz da tarde  
é bem-te-vi

Na guerra  
o gavião é tempo pretérito.  
É o bem-te-vi pensando:  
bem-te-vejo

O bem-te-vi no mourão da cerca  
No lombo da vaca mestiça  
É bem-te-vi  
quando descobre outro bem-te-vi  
de flauta fina e igual

O bem-te-vi  
é um objeto visual no passado:  
desde o nome  
Isto é: desde o verbo  
Isto é: desde que feito pássaro  
boiou sobre a palavra  
que boiava sobre as águas  
que boiavam na vontade de Deus

Versos finais:  
o bem-te-vi  
sobre as águas do dilúvio  
recolhe o verde ramo da esperança  
Confundido com suave pomba, primeira e última,  
eu bem o vi e bem o vejo  
entre lembranças, antigas escritas

E para sempre, por decifrar:  
brando, sonoro, enigma do ar

## DOÍDO CORAÇÃO DOIDO

Estive entre mim  
e entre mim.

Naufrágios.  
Dífíceis rimas.  
Remos de quebranto.

Ninguém sabe o que é.  
O que se sabe não se diz.  
O que se diz não se vê.

Doido coração. Dóido.  
Estoura, estalada.  
Estigma.

## DESTERRO

### I

Aqui estou eu  
em pleno século XX  
desterrado por Platão.  
Dentro do círculo da vida  
não mais aberto  
que um não.

Que faço neste tempo  
entre terra e céu de ironia?  
Em coração caracol  
e tempo de uvas verdes?

Faço um poema.  
Me desfaço.  
Me desfaço como um laço  
de uma caixa de presentes vazia.

E enquanto me desfaço no poema  
afino o sentimento do mundo:  
desterro se faz de nenhum lugar.  
E só se faz de saudade.

### II

Em terra-de-ninguém  
a senha digo: Desterro.  
Areia movediça  
onde fundo  
meu desespero.

Vem de longe este sentimento na carne.  
Este frágil bordado de vento nas folhagens.

Vem de longe o paradoxo deste país de ideias.  
De penas brilhantes, safiras de esperança  
e de insólitas reentrâncias  
no destino traçado  
de provisórias certezas.

O rosto do poeta  
se faz em terra-de-ninguém.  
Em desterro.  
De perfeita calma.  
E livre-arbítrio.

Destino meu  
que habitas a casa, a terra,  
a concha de ser  
e de estar em todas as casas, coisas,

em terra-de-ninguém  
que nome darei ao sentimento  
que me assalta com transitórios  
e dourados fios de mentira?

Desterro talvez.  
Quem sabe desdouro?  
Ou destrela?  
Ou ainda destempo?  
Sem esquecer o desdém  
de liberdades por decreto  
e a forjada foice da arbitrariedade.

## MINIFÚNDIO

### I

Sem limites intransponíveis.  
Nem infinitos  
de soberba  
no minifúndio.  
A terra persiste  
e o homem permanece  
matéria de tudo.

Não há velocidade de luz escrita  
nem ensinada  
no minifúndio.  
Olhos de lavrador  
iluminam a terra  
e guardam o dia  
debaixo de pálpebras e rugas  
quando dorme.  
É no torno caminhar do sonho  
como torno caminha na vida.

Pesares, tristuras.  
Fértil celebração de circunstâncias.  
Não há enigmas  
nem ambiguidades feitas de ausência  
no minifúndio.  
Tudo é redondo:  
curiosidades, espanto, laços de família,  
esplendores de pouca futilidade.

Não se vai a lugar nenhum  
sem carregar a moita de mistério.  
Porque o minifúndio se faz  
na terra da palavra.

Enterrem-me na palavra.

### II

no fundo do Vale do Itajaí  
ali rastejo, festejo,  
o coração colono  
na calma colina

### III

A vida me delega tarefas  
e me dá medos  
E desconfiança  
destes merecimentos

### IV

se guardas a memória  
na memória  
anterior à palavra  
e à história

então entenderás  
o arrepio  
que te habita  
ao rever  
a larva da borboleta  
sob a folhagem da couve-flor

### V

A planta dentro do vaso,  
dentro da sala,  
dentro da casa,  
cresce para onde?

Não cresce para dentro  
nem para fora do vaso:  
pensa num espaço  
onde a liberdade  
não se esqueça.

Nem estremeça  
sob o olhar de conquista  
e adubo artificial  
do proprietário da casa.

### VI

A linha do horizonte  
atravessa meus olhos

Meus olhos  
que a linha final da morte atravessará

A linha do horizonte  
viverá de horizonte a horizonte

Sem meus olhos  
E sem a minha vida

## VII

Se arrancares das asas  
o pássaro,  
arrancareis do movimento  
as asas

Não há regresso  
Espelho e rosto  
têm a mesma face  
de acesso

Asa e pressa conheço  
É destino, é impresso  
A casa deste crime  
só tem ingresso

## VIII

A taturana  
tem seda no movimento

O coração  
da taturana  
teceu-se de seda  
E nada

A morte  
da taturana  
e meu medo  
não têm nome

## IX

Leio na sub-linha  
de um texto  
No livro em branco  
das entrelinhas

Em 1982  
a ave da sorte bica

o fígado exposto da vaidade

E o ser se faz de ter  
E se enterra vivo,  
sem perceber

## X

Decifra-me  
ou te devoro  
diz o tempo  
ao homem

Não te decifro  
nem te devoro  
diz o homem  
ao tempo

Sim, sim,  
concorda o tempo.  
Prepara a praça do encontro  
e me desconhecerás  
na paisagem

## XI

O pássaro  
conhece o horizonte.  
A redondez  
da terra.  
E a primavera que anuncia  
no canto solitário  
E na espera.

O pássaro não sabe  
que eu sei, solitário,  
atrás da vidraça  
estas coisas que ele sabe.

Mas o pássaro  
sabe de coisas  
que nunca saberei  
atrás das vidraças.

## XII

As ervas sobre o telhado florescem

dia após dia  
e escurecem

As flores do telhado  
espreitam as flores do jardim  
E a chuva do telhado  
faz parte de tudo:  
das ervas que crescem  
e das perguntas que faço de mim

### **XVIII**

Os cadeados  
que o tempo carrega  
carrego dentro de mim

Rosa  
Rosaestrela  
Ilhailhada  
Floremflor

O tempo é curto  
O tempo é certo

### **XIV**

Desafino?  
A voz?  
Pouco importa.  
Muito acidente  
encontra o rio  
antes da foz.

### **XV**

Se não for sonho  
não vale a pena viver  
Pois de sonho em sonho  
aprende-se a ser

Nada mais  
que o sonho,  
perguntareis?

Nada mais simples  
para prender-me

Nada mais simples  
para perder-me

## **XVI**

Meu coração  
tem a forma redonda da esperança  
E nada me circunda  
que não me preencha  
E tudo que me escurece  
me delinea

O mundo é redondo  
como a minha boca

Redondo como os testículos  
na palma de minha mão

## **XVII**

Do reino da indiferença  
nada sei  
Também não visto  
a roupa das diferenças

Na proximidade, sim,  
encontro o chão  
Retiro o pão,  
sol da manhã  
partilho,  
na ceia  
da iniciação

## **XVIII**

Eu vejo animais  
nas nuvens que se movem.  
Nos muros das casas vejo flores  
do tempo móvel feitas.

Estas flores nascem das diferenças  
- estas semprevivas escondidas nas palavras.  
Vêm debaixo da terra  
e da planta dos pés do homem.  
E do nó vivo no peito  
feito de humilhação e fome.

Eu vejo animais nas nuvens.  
Eu vejo animenos nas navens.

## **XIX**

Onde a morte morre  
Onde a morte se fere de si mesma  
Onde o corpo se inscreve  
nas linhas sinuosas da alegria

Ali meu coração bate  
sem falas guaranis  
nem pampas latifúndios

Meu coração  
não passa de um minifúndio  
E minha linguagem  
chama-se viver

## **ESPELHO I**

O espelho:  
na conquista da máscara definitiva  
no prelúdio da morte capturada

O espelho, este  
labirinto de Creta. Este  
dédalo de meandros.  
Esta verdade nua  
e crua. Esta vertigem,  
este hieróglifo de luz.

Ah! Então é isto!  
O espelho  
é onde o pássaro do tempo pousa.  
Se reflete,  
se debate ferido, aferido.

E deflagra a morte provável.

## **ESPELHO II**

O espelho sujo  
deforma a imagem: do rosto.  
Não o rosto  
diante do espelho.

Porque o espelho dentro do rosto  
é inimigo apropriado.  
Eterno e breve.  
Transcende a convivência consigo mesmo  
e o tempo marcado.

O espelho dentro do rosto  
como o rosto espesso, diverso, esparso,  
estúpido, estranho,

é estrume do tempo  
e ouro da morte.

## ÁGUAS, ENTREÁGUAS

Em outras águas.  
As chamadas entreáguas.  
Onde a dor  
liquefaz o homem  
e o derrama em lágrima  
sobre a própria face.

Onde a identidade se perde.  
Se dobra sobre si mesma  
em silêncio e lesma.  
Se fecha se abrindo.  
Sem nome certo  
nem sobrenome de arcaicos reis.

Em águas  
vindas de inesperadas vindimas da constatação  
o homem se vê  
no espelho das águas  
e vê mais  
que o espelho pode ver.

Entre estilhaços,  
fragmentos, momentos,  
certeza, incerteza,  
aqui o homem se reconhece  
e humilde entrega as roupas, corpo e alma:

se me abandonais, deuses,  
deixai-me vossos sonhos.

## **ASA DA PRIMEIRA IDADE**

Longe de mim  
como a mais distante estrela.  
Próxima de mim  
em meus olhos (e coração)  
que me permitem vê-la.

Pouco sobra da vaidade,  
da divisão dos tempos,  
da distribuição de afetos.

Ensina-me sobra, sombra, terra,  
aonde me perdi.  
Ensina-me do orvalho  
que umedece o sonho de perfeição  
que não esqueci.

A minha aldeia chama-se:  
ninho de liberdade.  
Mas onde terá ficado a asa  
da primeira idade?

## SEMANÁRIO

Na segunda-feira trabalho.  
Afió enganos, anos e anos.

Na terça-feira trabalho.  
Faço promessas de vagar  
e de pressas.

Na sexta-feira trabalho.  
Descubro um buraco na calça  
Outro buraco na alma.  
Liquido a traça.

Na quarta-feira trabalho.  
Empilho o tédio em caixas.  
Penduro em branco nas ruas,  
as faixas.

Na quinta-feira feira trabalho.  
Esqueço um percevejo  
no fundo da gaveta  
do desejo.

Sábado trabalho.  
No fonema, no poema.  
No sonho entalado da verdade.  
No dilema da felicidade.

No domingo  
sento numa praça deserta.  
E penso, covarde,  
na próxima semana  
escrita no livro da liberdade.

## **POEMA MATEMÁTICO**

Me somo.  
E fio um.

Me multiplico.  
E permaneço um.

Me divido.  
E continuo um.

Me diminuo.  
E resto um.

Me escrevo.  
E sou nenhum.

## DESTE ÂMAGO PROVO O AMARGO GOSTO

Deste âmago provo o amargo gosto.  
Antigo fruto exposto.  
De saudade.

Deste amargo provo  
o gosto amargo de ser aos poucos  
não mais que discernimento,  
lúcido epitáfio, esquecimento.

Quem sabe este amargo seja sangue.  
Quem sabe este gosto vem da água.  
Quem sabe de vinagre, quem sabe de mágoa.  
Quem sabe este amargo seja terra.  
Quem sabe a tudo sabe  
por tudo ser de amargura.

Não importa.  
Eu provo este amargo gosto  
como um rosto  
que se olha por fascinação  
mas também por desgosto.

Eu provo o amargo gosto deste rosto.  
E amo o que provo  
pelo amargo gosto.

## É NOITE EM TEU JARDIM, MÃE

Pouca memória.  
Tão clara e doída tanta.  
Foi recente.  
Mas tanto tempo faz que se foi.

Partiu em manhã de chuva.  
Minha mãe partiu.  
O único momento em que não se repartiu.  
A sua morte não repartiu.

Disse um dia:  
viver é um jardim precário.  
Mas vejo no meu jardim  
a eternidade do jasmim.  
Porque é belo o eterno.  
E porque é belo o jardim.

Sim! O dia amanhece.  
Todos os dias.  
Por trás dos montes  
que vejo de teu jardim.

E toda manhã  
o vizinho passa em frente da casa  
e não te acena mais  
nunca mais.

Acena para o jardim vazio,  
por hábito, medo da morte, espanto.  
E pela luz do dia  
que ainda freme  
de teu canto.

E mesmo assim  
É noite em teu jardim.  
Por mais que amanheça,  
Por mais que amanheça.

## **OUVI A MORTE PASSAR**

Ouvi a morte passar.  
Senti seu hálito  
e seu silêncio.  
Senti a morte  
em seu movimento de centopeia,  
aura de seda  
e horror.

Toda morte  
é equívoco.

## O POETA DESCOBRE-SE NO SEBO

O poeta ansioso, silencioso, vaidoso  
como sempre,  
caminha no centro da cidade.

Em busca de si mesmo, considera o poeta,  
em busca de mim  
e também do povo  
que tanto precisa de mim.

Encontra o sebo:  
no mesmo lugar  
o sebo de sempre  
no mesmo lugar.  
O sebo que liquida livros de poesia  
como sempre,  
como sempre anuncia o cartaz  
escrito a pincel atômico  
que a luz consome.

Quer dizer: o sebo liquida duplamente  
a poesia,  
pensa o poeta  
sem revolta  
nem meta.

O poeta abre caminho entre os títulos.  
Polvo de curiosidade.  
Mil dedos  
entre mil páginas.  
E o poeta, herdeiro dos deuses,  
hierático, enigmático como sempre  
mas de suor frio na testa,  
entre tantos livros empilhados  
pilhou-se em flagrante  
folheando o próprio livro.

Leu comovido a dedicatória.  
O que sobra de um tempo feliz, pensa.  
Esta íntima dedicatória, amiga, íntegra entrega:  
ofereço estas palavras  
para que a ponte da amizade  
cresça perfeita entre nós  
seres humanos.

O poeta deixa o sebo  
e sente o ruidoso bafo da vida.

E neste instante

começa a escrever  
o próprio epitáfio.

## POEMA DO ANDARILHO

### I

Menor que meu sonho  
não posso ser

Mil identidades secretas.  
Mil sobras, sombras, mil dias.  
Todas palavras e tudo.  
Barco de ambiguidade,  
sôfregas palavras.  
De todas contradições, desencontros,  
dos contrários de mim,  
andarilho.  
Da flecha de várias pontas, direções.  
Dos outros seres  
que também andarilham.

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

Andarilho  
de ervas sutis  
crescidas de noites luzes  
becos latinos frêmitos andes ilhas.  
Andarilho  
de santos falidos, feridos  
de vaidade.  
Dos frutos da segurança vã,  
vã beleza de repente solidão.

Feitiços, laços, encantamentos.  
Prodígios, tordesilhas, ressentimentos.  
Andarilho de perder pele, asa e uso,  
mariposa da lua difusa do amanhecer.  
Andarilho  
de paisagens precárias do sentimento  
guardado a sete chaves,  
não fotografável,  
nem desvendável em câmaras escuras, secretas torturas,  
ou à luz de teus olhos surpresos, presos  
nos meus olhos, ilhas.

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

Andarilho.  
De insignificâncias magníficas colheitas do nada.

De tudo que ninguém se lembra  
nem nunca escreveu.  
De uma nuvem veloz reflexo de outra nuvem  
andarilha nuvem do sul  
de onde vem a luz,  
andarilho.

Crescem em mim as palavras sensações mais estranhas  
e andarilham.

Arrulho de palavra pousada ave  
sobre um minuto de trégua e milagre do tempo  
quando o sol se põe atrás do horizonte inquieto  
do dicionário  
e da dúvida:

armadilha.

na saliva na garganta  
na palavra escrita primavera  
na capa de um caderno antigo  
do Grupo Escolar Polidoro Santiago de Timbó

andarilho de linhas esquecidas tortas velhas trilhas  
datas de nascimento burlescos aniversários  
andarilho andorinha  
em ziguezague na festa  
na face de Deus

Aos trancos e barrancos, andarilho.  
De trincos e garimpos, andarilho.  
Andarilho de desafios, desafinos.  
De socos recebidos e raros revides,  
de atonias em atrofias, andarilho.

Andarilho.  
Na diferença palpável de volúpia.  
De assédios, impertinências, ideologias.  
De recalques,  
decalques, vídeos, celuloides, fitas  
gravadas da liberdade,  
gravatas, contatos, contratos,  
andarilho.

Pois menor que meu sonho  
não posso ser.

## II

Empoleirado em minha gaiola de ineficiência,  
andarilho.

Longe de grandes e confortáveis salas  
da subserviência, andarilho.  
Transitivo, substantivo, adjetivo.  
Solto na correnteza do medo, da instabilidade  
de tudo, na multidão de afetos.  
Eu, claro enigma: sete palmos de terra,  
sagrado sopro de todo o sentimento.  
Eu, quebrado espelho d'água de Narciso  
e fogo de Orfeu entre a paixão  
e o definitivo tempo.

Eu estranho a maioria das vezes  
na própria terra do poema  
onde me sedimento, acidento,  
me desencaminho, me aninho,  
me enovelo em trama de pouco, em menos,  
em quase nada  
e mesmo assim andarilho.

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

Eu matéria recalitrante do futuro.  
Eu a nação inteira sob o impacto do sonho.  
Eu dissecando a morte sobre a mesa da manhã.  
Eu onipresente e diluído na dor geral.

### III

Fechei meu expediente da comoção fácil.  
Corretores da insegurança:  
deixai a sala de frente da precariedade.

Atravesso jejuns, desdéns,  
indecisões, hospedarias do tempo.  
A luz acesa de hotéis bordéis pobres e mal cheirosos  
suicídios alheios pleonasmos.

Atravesso anúncios  
e antenas.  
Os homens apressados do século XX  
e sua matéria veloz de sobrevivência atravesso.  
A rua que antes atravesssei atravesso outra vez  
e a praça onde contornei a liberdade  
da palavra  
e da liberdade.  
volto a atravessar.

Pois menos que meu sonho



## V

Passa o tempo.  
Como passa, passou o tempo,  
oh! frase feita,  
inútil consolo e alívio.

Passo este tempo que me passa.  
Passo pontos de interrogação, helespontos,  
helespontos.  
Passo a ponte, o poente.  
Deliberadamente passo  
mas sem pressa, passo  
a passo.  
Passo os fusos horários  
e passeio entre o sonho  
e as palavras.

Também entre as obscenas por decreto.

Pois menos que meu sonho  
não posso ser

## VI

Atravesso compêndios, currículos, apostilas  
de silêncio  
e minha sombra pisada  
por outra sombra  
também feita de tudo  
e nada  
Atravesso simulacros  
e arranco o lacre da palavra

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

Atravesso o avesso  
E meu barco de travessias  
é a palavra terra  
cercada de água por todos os lados

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

Estou do lado de lá da ilha  
Aqui disponho de mim  
e conheço meu próprio acesso  
Aqui conheço a face inversa da luz

onde me extravio  
e não cessarei jamais

Pois menor que meu sonho  
não posso ser

## LEGADO

Deixarei por herança  
não o poema  
mas o corpo no poema  
aberto aos quatro ventos

Pois todo poema  
é verde e maduro,  
em areia movediça  
de angústia, solidão  
Onde me debato  
ainda que finja o contrário  
em busca da verdade  
e seu chão

Deixarei por herança  
não o poema  
Mas o corpo repartido  
na viagem inconclusa

Pois todo poema maduro  
é um verde poema  
E, mesmo acabado,  
se estriba na inconclusão  
Claro, sem esquecer,  
o stratagema da paixão

## LIVRA O NOME DE INÚTEIS SONS

Livra o nome  
de inúteis sons  
de letras a mais  
ou a menos

Livra o destino  
do nome gravado  
Do nome escrito  
em areia do tempo,  
no imutável tempo  
do nome

Livra a alma  
de escudos, estrelas demais  
De tudo supérfluo,  
de toda superfície,  
do aluamento do ser

Livra a liberdade  
de todo lastro  
De qualquer lustro  
De vocábulos insólitos, grandiloquentes,  
feitos de nada,  
vocábulos de enfeite, confeitos

Livra-te do palmo de terra  
que te cabe  
De panfletos do sentimentalismo  
Dos improvisos da paixão

Livra-te de ti  
antes de tudo  
Livra-te a fio de navalha  
Livra-te a fio de ideia  
que da dor faz palha

Livra-te das ideias fixas  
Porque a dor alheia  
também é nossa

## FAÇA-SE IMPREVISTO O TEMPO DA MORTE

Faça-se imprevisto o tempo da morte  
e o tempo de carências febris.  
Nos mil dias desta escritura.  
No perverso afeto da revelação.  
Na fruição do desejo  
no desejo de tudo,  
no interstício onde se entreabre  
o pássaro do improviso.

Liberto. Libertino.  
Onde a fenda se abre de ardências,  
querências, ardores.  
Ali onde vivem, convivem, certeza e incerteza,  
na mesma bandeja, na pele do desejo,  
na maciez mas na aspereza do nada.

Ah! Se júbilo é isto,  
esta insensatez de desfolhar-se.  
Ah! Se prazer é esta ambiguidade  
onde o real  
                    é sempre o irreal  
de passageira cintilação,  
esta pele que brilha de escamas luzentes,  
coragem, coração,  
sentimento, metáfora, de súbito clarão.

Venho destas perguntas terra-a-terra.  
Da contradição do pavão sem penas.  
Aquilo que a língua não disse.  
Do que subjaz à saliva.  
O que se faz ardume na vontade de dizer, desdizer.  
E de ter perdido o medo da pronúncia correta  
e a vergonha da palavra solidariedade.

## ONDE FICARAM AS VOSSAS AVES ABATIDAS?

Onde ficaram as vossas aves abatidas,  
embutidas nos armários,  
onde ficaram?

Onde ficaram  
os armários embutidos de vossas salas  
com suas portas entalhadas  
e gavetas entulhadas  
de documentos, dividendos, excrementos e certidões?

Onde ficaram as vossas malas enfeitadas,  
confeitadas de recordações,  
onde ficaram as neuroses cravejadas de brilhantes?  
Onde ficaram as vossas recordações de  
onde ficaram as águas vivas de vossos mares?

Onde ficaram  
os desejos na virilha,  
a cobiça, a ganância,  
o escrúpulo posto de lado?  
Onde ficaram os vossos amores  
de amoras arrancadas  
dos tempos de fingimento?

Onde ficaram os vossos diplomas, as vossas denúncias,  
os vossos assaltos, os vossos insultos  
e vossas almas penduradas em ganchos de açougue, em ais,  
na paisagem tropical?

Onde ficaram os vossos segredos  
a sete chaves guardados,  
a partilha de grado a de grado,  
o rabo entre as pernas  
como atestado de medo,  
o papel assinado, tremido, dobrado  
e a asa da prepotência fingindo voar  
e não mais que arremedo,  
onde ficou o vosso enredo?

De todas aquelas frases feitas bem feitas  
Empoladas, empenadas, emboloradas  
Desfeitas agora  
de mórbidas intenções, plágios e mentiras,  
o que sobrou?

De todas aquelas sentenças lidas,  
carimbadas, assinadas, seladas de princípios,  
ofícios, orifícios,

de identidade forjada em cartilhas, antilhas,  
lentilhas, baunilhas, país das maravilhas,  
o que sobrou?

Sobrou o tempo.  
E antes do tempo final  
eu vos colhi.  
A bordo de vossa nau de luxo.  
A bordo de vosso deslumbramento.  
A bordo de vosso desdobramento  
de mil caras pintadas de pó-de-arroz.  
E vos encerrei  
e vos abri na palavra.

Antes da morte  
vos revelei.  
E vos engastei no poema.  
E no tempo permanente.  
Com vossas verdades camufladas.  
E minhas verdades camufladas.  
E toda iniquidade em praça pública.

Ali ficam as respostas.  
Ali ficaram as dúvidas.

## POEMAS FINAIS

### I

Está escrito em algum lugar:  
em páginas de terra  
a morte do homem é diagrama

Hóspede da terra  
Passageiro do mundo

Aqui tudo acaba  
Aqui tudo acaba quando  
E por isso a estrela da manhã  
levanta aqui

Está escrito no tempo:  
escrever ao acaso  
é chegar sem prazo

### II

Alguma alga  
inventa o tempo.  
Ali onde luas, estrelas, estalos.  
Ali onde áspera é a beleza,  
suave em excesso.  
Ali fibra. Ali febre.

Vai até a porta.  
Esta da alma, a secreta.  
O espelho é dentro.  
O enigma se chama:  
fechado é aberto.

Amiga nos longes,  
nas cartas raras.  
Onde se quebram amarras,  
onde se amarram destinos.

Terra estranha.  
E cheia de afetos.  
Sem efeitos gratuitos.  
Sequer palavras enfeitadas.

Desterro. Desterra.  
Ali se resume a vida.  
E nada é em vão.  
Ainda que pareça o contrário.

## RECÔNBITO IMPULSO

Amadureço  
na palavra  
que amadurece.  
Entre fibras, sangue, desejo,  
que intumesce.  
No amor  
onde cresço, me acresço:  
eis a messe.

Nivelar  
é navalhar a liberdade.  
E viver é longa estrada,  
é recôndita vontade  
dita e não dita:  
    vocábulo,  
    coágulo.

Amadurecer.  
    Lúcido,  
    lúdico.

Na maravilha.  
Na armadilha.

Amadurecer no âmago.  
    O âmago amargo.  
    O amargo âmago, amado.  
Amadurecer o âmago armado  
do tempo esplêndido da alegria.  
Mas também do tempo da amargura  
que estraçalha  
    e desconfia.

Amadurecer.  
A áspera saliência e rubra.  
A macia maçã  
do recôndito impulso.

## **RECADO FINAL**

Recado final:

Peço pendurar

este poema

entre as chaves

de teu colar

feito de chaves e aves recordações

Porque este pedido

é mais que um poema

e mais que uma recordação.